

ARCTIC BLUEPRINT 2021: As projeções dos Estados Unidos para o Ártico

LEONARDO FARIA DE MATTOS*
Capitão de Mar e Guerra (RM1)

RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA**
Geógrafa

SUMÁRIO

Introdução
Histórico dos EUA no Ártico
Arctic Blueprint 2021
Considerações Finais

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca descrever um panorama geral da atuação dos Estados Unidos da América (EUA) enquanto um ator intrarregional em relação ao Ártico, de forma a salientar a sua história e as diferentes facetas contemporâneas de exercício militar no extremo norte do Planeta. Para isso, torna-se necessária a análise do *Arctic Blueprint 2021*, do-

cumento lançado em janeiro 2021 pelo Departamento da Marinha dos EUA, que, enquanto órgão diretamente subordinado ao Secretário de Defesa e responsável pela Marinha e pelo Corpo de Fuzileiros Navais, pretende estabelecer algumas diretrizes relativas ao emprego dessas duas forças no Ártico.

Torna-se oportuno ressaltar que o progressivo degelo no Ártico vem aumentando a relevância estratégica daquele

* Mestre em Estudos Estratégicos da Defesa e Segurança (Universidade Federal Fluminense – UFF). Encarregado do Setor de Geopolítica e do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval (EGN).

** Bacharel e Licenciada em Geografia (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio) e Graduanda em Relações Internacionais (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ). Do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da EGN.

espaço, não apenas pela abertura de novas rotas marítimas, encurtando o tempo de travessia entre os portos asiáticos e europeus, mas por facilitar a exploração mineral. O Ártico abriga uma significativa abundância de recursos que inclui cerca de 30% das reservas mundiais de gás natural não descobertas, bem como 13% das reservas globais de petróleo convencional, cujos 84% localizam-se *offshore*. A região conta, ainda, com 1 trilhão de dólares de minerais de terras raras, que são recursos essenciais para a produção de alta tecnologia e, portanto, motivo de grande competitividade no cenário econômico mundial (DEPARTMENT OF THE NAVY, 2021).

Desta feita, a fim de melhor encaminhar este artigo, serão apresentados um breve histórico da presença dos EUA no Ártico, seguido por uma análise do mais recente documento publicado pelo Departamento da Marinha dos EUA a respeito dos objetivos estadunidenses de atuação para os próximos anos no extremo norte do Planeta.

HISTÓRICO DOS EUA NO ÁRTICO

O posicionamento dos Estados Unidos enquanto Estado ártico no sistema internacional se deu a partir da compra do território do Alasca dos russos, em 1867, quando o então secretário de Estado, William H. Seward, procurava projetar o poderio do país a partir da expansão de suas fronteiras, proporcionando aos estadunidenses o título de um poder central de relevância mundial. Em seguida, a partir da descoberta de recursos minerais no novo território adquirido, a política dos EUA para o Ártico deixou de ser unicamente voltada para a ampliação territorial e passou a abranger a ambição de desenvolvimento

econômico e competitivo, o que levou a população do Alasca a dobrar em 20 anos, passando de 33.426 habitantes em 1880 para 63.500 indivíduos em 1900. Um dos campos mais importantes dos EUA é o de Prudhoe Bay, apresentado na Figura 1 (NILSSON, 2018).

Anos mais tarde, a partir da Segunda Guerra Mundial, houve uma mudança de foco e o Alasca tornou-se uma localização estratégica para as Forças Armadas estadunidenses, por proporcionar o encurtamento das distâncias em relação aos demais atores europeus e asiáticos que participavam do conflito. Da mesma forma, durante a Guerra Fria (1947-1991), quando a então União Soviética deixou de ser um aliado do país e passou a ser a principal frente inimiga do conflito, a localização geográfica do Ártico permitiu que mísseis e bases aéreas fossem posicionadas na costa do Alasca a fim de que a segurança do país fosse efetivada, de forma a prevenir e prever potenciais ataques nucleares soviéticos. Assim, as novas instalações naquele momento incluíram a Thule Station, ao norte da Groenlândia, além do Camp Century, uma cidade construída abaixo da superfície de gelo que esteve em operação entre 1960 e 1966 (NILSSON, 2018).

Portanto, durante este período de conflitos mundiais, o Ártico adquiriu um novo enquadramento no cenário interno estadunidense, passando a ser admitido a partir de um caráter estratégico e geopolítico, considerando o desenvolvimento soviético competitivamente superior para com as políticas e iniciativas para a região. Enquanto os interesses dos EUA no extremo norte do Planeta estavam mudando, a partir da década de 1980 o cenário político do Círculo Polar Ártico sofreu transformações, proporcionadas pela guinada da construção negociada de um novo caráter



Figura 1 – Campo petrolífero de Prudhoe Bay, Alasca

Fonte: Audubon, 2017. Disponível em: <https://www.audubon.org/news/to-see-how-oil-drilling-would-transform-arctic-refuge-look-next-door-prudhoe-bay>

internacional para a região, deixando o conflito e encaminhando-se para a cooperação. As razões para essa alteração de cenário têm origem nas mudanças climáticas e na necessidade de alternativas para o desenvolvimento sustentável, uma vez que seus impactos já eram experienciados na vida ártica (NILSSON, 2018).

Torna-se relevante destacar, ainda, a relação dos EUA com a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (CNUDM, ou Unclos, sigla em inglês), já que o declínio da cobertura de gelo ártica tornou a questão ainda mais relevante nas perspectivas regionais, ao considerar as disputas sobre os territórios marítimos e a soberania sobre os recursos marinhos. Assim, por não terem assinado a CNUDM em 1982, os estadunidenses não possuem o direito de apresentar questões à Comissão no que diz respeito ao estabelecimento

das plataformas continentais, deixando de participar desta discussão também em ambiente ártico (NILSSON, 2018).

No entanto, o país estabeleceu o seu compromisso com assuntos regionais a partir da fundação do Conselho do Ártico¹ em 1996, em que, por meio da Declaração de Ottawa, os EUA tornaram-se, de 1998 a 2000, o primeiro país a ocupar a presidência da organização internacional, voltando a preencher esta mesma função entre 2015 e 2017. Assim, enquanto um dos oito membros permanentes, o país preocupa-se em garantir a cooperação regional, devido à proximidade geográfica da costa do Alasca dos territórios dos demais Estados-membros do Conselho, como ilustra a Figura 2, bem como garantir diretrizes que favoreçam o desenvolvimento e a segurança internacional da região (RUBIN, [s.d.]).

¹ O Conselho do Ártico é constituído por oito Estados árticos (Canadá, Dinamarca, Estados Unidos da América, Finlândia, Islândia, Noruega, Rússia e Suécia), seis participantes permanentes, cadeira ocupada por representantes dos povos tradicionais, além de 13 Estados observadores e não árticos, entre eles a China.



Figura 2 – Esquema da região ártica
Fonte: Department of the Navy, 2021

As primeiras e mais relevantes políticas estadunidenses para o Ártico foram publicadas em 1984 e 1994 e intituladas, respectivamente, de *Arctic and Policy Act* e *Fact Sheet: US Arctic Policy*, sendo atualizadas posteriormente apenas em janeiro de 2009. Neste último documento, os EUA estabeleceram sua compreensão sobre as mudanças regionais, bem como a relevância do extremo norte do Planeta para as relações internacionais que corroboram ou não com os interesses nacionais. A partir dessas políticas, o país buscou melhorar sua participação enquanto ator ártico, a fim de fortalecer seus interesses e firmar laços de cooperação entre as nações intrarregionais. Além disso, os EUA consideravam as ameaças geopolíticas impostas em um cenário regional altamente competitivo e incerto a partir das mudanças climáticas que geram impactos ambientais na região, bem como atraem os olhares de atores extrarregionais a desenvolver mecanismos e políticas que possibilitem a sua aproximação com o Ártico (HUEBERT, 2009).

Em 2014, por sua vez, a Marinha estadunidense lançou o documento *Navy*

Arctic Roadmap, com projeção até 2030, que avaliou a necessidade de uma presença mais frequente das suas forças navais na região. Interpretado como uma atualização da declaração anterior, lançada em 2009, o *Navy Arctic Roadmap*, além de salientar a liderança das forças navais, firmou o comprometimento de fornecer a orientação necessária para prepará-las para potenciais contingências no Ártico, de forma a garantir a segurança e os interesses nacionais (*The United States Navy Arctic Roadmap for 2014 to 2030*, February 2014, 2016).

Desta feita, em 2021 o país igualmente divulgou o *Arctic Blueprint 2021*, a fim de estabelecer as diretrizes estratégicas de atuação dos EUA em um cenário ártico de progressivas e constantes transformações, sobretudo ambientais, como também geopolíticas e geoestratégicas. Este novo documento expressa uma urgência mais profunda sobre a necessidade de assegurar a posição dos estadunidenses na região na próxima década, como resultado de mudanças constantes e significativas, além de garantir a atividade militar e evitar que a

governança do Ártico seja apoderada por outros atores, especialmente os chineses e os russos (ZYSK, 2021). Deste modo, a próxima seção se dedica a esmiuçar os principais objetivos estadunidenses a partir do lançamento deste documento, bem como a realizar uma análise das possíveis mudanças políticas do país em relação à região.

ARCTIC BLUEPRINT 2021

O Departamento da Marinha dos EUA divulgou, em 5 de janeiro de 2021, o documento intitulado *Arctic Blueprint 2021*, entendido como uma projeção regional dos países nas próximas duas décadas no Ártico. As perspectivas estadunidenses justificam-se pela preparação do país para uma presença mais frequente e uma navegação mais viável nos próximos anos a partir de um “Ártico Azul” (Blue Arctic), ou seja, o derretimento da cobertura de gelo que provocará a liberação das rotas marítimas, tornando as águas árticas navegáveis

por um maior período (Department of the Navy Releases Strategic Blueprint for a Blue Arctic, 2021). O interesse dos EUA pelo Ártico tem sido impulsionado nas últimas décadas pelas rápidas mudanças que ocorrem na região, bem como por sua crescente importância geoestratégica, econômica, climática, ambiental e de segurança nacional (ZYSK, 2021).

Os reflexos dessas alterações climáticas já podem ser visualizados na região desde 2010 por meio da medição da espessura de gelo realizada por satélite.

O degelo ao final do verão de 2020 apresentou o segundo pior índice depois de 2012, ano em que a camada de gelo sofreu a maior alteração já monitorada. Além disso, a temperatura atmosférica na superfície do Ártico entre 2019 e 2020 foi 1,9 graus Celsius acima da média para a região entre os anos de 1981 e 2010, indicando que aquele representa o segundo ano mais quente desde 1900. Da mesma forma, a temperatura da água do Oceano Ártico tem aumentado nos últimos anos, tendo atingido índices de 1 a 3 graus Celsius acima da média para a superfície no período de 1982 a 2010 (COURONNE, 2020).

Estas mudanças ecossistêmicas implicam não somente a vida dos animais marinhos e terrestres, bem como redirecionam as políticas regionais dos principais atores globais para a região, que, aproveitando-se da possibilidade de uma permanência prolongada e uma navegação facilitada pelas rotas liberadas, investem em estratégias e pessoal capacitado,

O interesse dos EUA pelo Ártico cresceu pelas mudanças na região e por sua importância geoestratégica, econômica, climática, ambiental e de segurança nacional

de modo a expandir a sua influência na região e superar seus limites geográficos. Desta feita, o *Arctic Blueprint 2021* concentra-se em uma crescente atividade marítima impulsionada por outros dois atores globais, sendo eles Rússia e China, que progressivamente posicionam as suas Marinhas e demais forças táticas na região a fim de possibilitar a sua capacidade de projetar poder de forma mais incisiva, ameaçando, desta forma, o poderio dos EUA enquanto Estado ártico (DEPARTMENT OF THE NAVY, 2021).

A região enfrenta um nível de atividade militar considerável, pelo menos desde 2007, ano em que os russos fincaram uma bandeira de titânio no Polo Norte geográfico como símbolo de sua força e soberania regionais, como ilustra a Figura 3. Desde então, o Ártico enfrenta o aumento da capacidade da Rússia de controlar e negar o acesso às diversas partes da região, bem como o comprometimento das linhas marítimas de comunicação com o Atlântico Norte (ZYSK, 2021).



Figura 3 – Bandeira russa no Polo Norte geográfico
Fonte: Business Insider, 2011, Disponível em: <https://www.businessinsider.com/russias-about-to-annex-380000-square-miles-of-the-arctic-2011-8>

Como descrito no *Arctic Blueprint 2021*, os russos têm investido nos setores de defesa e na economia do país, resultando em uma militarização que avança sobre o Ártico. Particularmente, estes têm modernizado a Esquadra do Norte (Northern Fleet), a fim de desenvolver novos mecanismos de comando, controle e infraestrutura capazes de aproximarem Moscou do extremo norte do Planeta. Ressalta-se ainda que, segundo os estadunidenses, a atividade militar pouco transparente e a regulamentação ilegal do tráfego na Northern Sea Route (NSR), trecho da Passagem Nordeste sob juris-

dição da estatal russa The Northern Sea Route Administration, são motivos de preocupação constante com as atividades russas no Ártico. Desta feita, os EUA defendem que a corrida pela hegemonia regional, favorecida também pelas iniciativas russas, “[...] enfraquece os interesses globais, promove a instabilidade e, em última análise, degrada a segurança na região” (DEPARTMENT OF THE NAVY, p. 7, 2021).

Nos últimos anos, a presença russa tem se tornado ainda mais intensa e progressivamente ofensiva para o aparato e o ganho de força regional estadunidense. Segundo a vice-chefe da Diretoria da NSR da Rosatom, estatal de energia nuclear, no decorrer de 2020 o transporte desta via navegável sob jurisdição russa atingiu 32,97 milhões de toneladas embarcadas, superando o índice de 29 milhões de toneladas que estava previsto (STAALESEN, 2021). Da mesma forma, o ano de 2021, já em seu primeiro mês, apresentou um aumento de 8,3% de toneladas em circulação na NSR, segundo a Agência Federal RF para Transporte Marítimo e Interior, em relação às estatísticas da The Northern Sea Route Administration quando comparado a anos anteriores, atingindo 2.598 milhões de toneladas ao final do mês de janeiro (2.6 Mn Tons of Cargo Transits NSR in January, 2021).

Estes números representam um padrão de crescimento progressivo nos últimos anos, já que em 2017 foram transportadas 10,7 milhões de toneladas; em 2018, 20,18 milhões; e, em 2019, atingiu-se a marca dos 31,5 milhões. Além disso, as estatísticas revelam que grande parte da circulação pela NSR é de produtores de *commodities* canadenses, chineses e russos, que exportam, sobretudo, minério de ferro, petróleo e gás natural liquefeito, bem como outros combustíveis. A partir

da Rússia's Arctic Strategy para o período até 2035, lançada pelo Presidente Vladimir Putin em outubro de 2020, Moscou projeta o aumento dos embarques na NSR para o ano de 2030 de 90 milhões de toneladas, além de 130 milhões para 2035, ameaçando a permanência e o poderio de outras nações intrarregionais (BYE, 2020).

Paralelamente, a respeito da participação da China no Ártico, o país se autodeclarou um Estado “próximo ao Ártico” a partir da política chinesa para a região (*China's Arctic Policy*), publicada em 2018. Seus interesses em relação ao extremo norte do Planeta originam-se nas questões ambientais que afetam diretamente o equilíbrio climático de seu território (LIM, 2018). No entanto, os estadunidenses ressaltam que Pequim guarda um olhar estratégico para o Ártico no que tange ao projeto da Rota da Seda Polar do país, de forma a desenvolver parcerias que favoreçam maior circulação de produtos entre Ásia, Europa e América do Norte, bem como o desenvolvimento da economia no extremo norte do Planeta. A China investe, ainda, na construção de navios de carga com capacidade polar, tanques de gás natural liquefeito, quebra-gelos movidos a energia nuclear, além de uma robusta infraestrutura de portos que dão suporte ao país na navegação das águas árticas. Assim, a combinação entre capital e investimento chinês, tecnologia e experiência viabiliza a influência nas rotas marítimas do Oceano Ártico e, da mesma maneira, a presença massiva de Pequim na região provoca uma ameaça econômica, política e social ao progresso das demais nações ao longo dessas vias, incluindo também os estadunidenses (DEPARTMENT OF THE NAVY, 2021).

Não obstante, os EUA enfrentam desafios regionais no Ártico que incluem

as mudanças no ambiente físico, bem como maior acesso às rotas marítimas e o crescimento e desenvolvimento do aparato militar russo e chinês. Estes últimos almejam avançar sobre a região, incluindo, segundo os estadunidenses, “[...] tentativas de alterar a governança do Ártico – tornaram-se mais complexas e urgentes, enquanto o rápido avanço do autoritarismo e abordagens revisionistas no ambiente marítimo minam nossa capacidade de enfrentá-los coletivamente” (DEPARTMENT OF THE NAVY, 2021).

Desta feita, a fim de que uma presença mais incisiva e constante dos estadunidenses no “Ártico Azul” seja possível, o país reconhece a necessidade de modernização de seu aparato militar de forma a aplicar seu poder naval adaptado aos desafios contemporâneos, protegendo os interesses nacionais e garantindo a segurança internacional. As mudanças regionais requerem, portanto, uma repaginação na atuação da Marinha/Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA de forma a desenvolver um aparato mais robusto da força naval e promover os interesses do país no Ártico. Assim, o *Arctic Blueprint* foi desenvolvido pelo Departamento da Marinha com base nos seguintes documentos a respeito da defesa e segurança internacional dos estadunidenses: National Security Strategy (2017), National Defense Strategy (2018) e Department of Defense Arctic Strategy e Advantage at Sea: Prevailing in Integrated All-Domain Naval Power (2020). Ao longo do documento, o país reafirma a necessidade de reforçar mecanismos jurídicos já existentes sobre as águas árticas, incluindo a CNUDM, ainda que os estadunidenses não tenham ratificado o acordo, a fim de evitar que conflitos e acidentes sem precedentes sejam disseminados na região (DEPARTMENT OF THE NAVY, 2021).

Outro fator de destaque presente no *Arctic Blueprint 2021* é a necessidade de cooperação com outras nações, a fim de que logrem êxito em sua conquista de forças no ambiente Ártico. Assim, partindo-se do exposto pelos teóricos Joseph S. Nye e Robert Keohane e relacionando o seu estudo à região, ressalta-se a relevância da análise a respeito da possibilidade de cooperação, ainda que o a região ártica não tenha um poder centralizador, representando, portanto, uma espécie de “ambiente anárquico”. O comportamento dos Estados não é movido por nenhum altruísmo, mas sim guiado por premissas de autoajuda que buscam maximizar seu bem-estar presumindo-se, assim, que as políticas de um ator regional sejam vistas por outros como obstáculo para atingir seus próprios interesses. A anarquia impõe um conflito de objetivos que se torna visível na análise do contexto do Ártico. Assim, a cooperação não é um Estado natural, mas originária de uma relação conflituosa, em que ajustes nas políticas devem ser realizados a fim de que os diferentes interesses estatais se tornem compatíveis entre si (NYE; KEOHANE, 1987).

Desta forma, segundo Joseph S. Nye e Robert Keohane (p. 746, 1987):

[a] capacidade de se comunicar e cooperar pode oferecer oportunidades de redefinição de interesses para a busca de estratégias que não seriam viáveis em um mundo onde a única informação disponível aos Estados era sobre as preferências de outros Estados e os recursos de poder à sua disposição.

Levados por esse viés, portanto, os EUA descrevem o propósito de integrar a força naval do país às demais forças combinadas e a parceiros e aliados, a fim de preservar a paz e garantir a segurança internacional de

sua costa ártica. Para isso, o Departamento da Marinha dos EUA, por meio do *Arctic Blueprint 2021*, ressalta como um dos principais propósitos do país na região o estabelecimento de cooperações de mais longo prazo e de um aparato naval suficientemente competitivo nas águas boreais. Simultaneamente, portanto, Katarzyna Zysk (2021) argumenta que “a paz chega pela força”, elemento indispensável para uma confiável dissuasão ártica. Assim, por meio de alianças e parcerias mutuamente benéficas, serão analisadas com as forças navais aliadas e parceiras as ameaças e as missões a serem encabeçadas na região. Ressalta-se, ainda, como propósitos primordiais e indispensáveis, o desenvolvimento e o exercício de novos conceitos de operações para o Oceano Ártico que prometem reconfigurar a forma como os EUA e outros atores estão envolvidos localmente. Assim, destacam-se a Islândia, a Dinamarca (Groelândia), a Noruega e demais países signatários do Tratado do Atlântico Norte como potenciais parceiros, além de alguns outros com os quais os estadunidenses devem fortalecer as alianças já existentes (DEPARTMENT OF THE NAVY, 2021).

Ao mesmo tempo, ainda que o reforço sobre as parcerias se apresente como um dos objetivos primeiros do *Arctic Blueprint 2021*, torna-se relevante retornar ao que fora analisado por Joseph J. Nye e Robert Keohane e ressaltar que, ainda que os Estados firmem como plano as cooperações internacionais regionais, suas políticas ainda competem em prol de seus projetos individuais, de acordo com o exposto no documento do Departamento da Marinha dos EUA (p. 1, 2021): “Este projeto regional foca-se na cooperação, mas assegura que os Estados Unidos estão preparados para competir de forma efetiva e eficiente para manter equilíbrios regionais favoráveis.

Assim, ainda que o projeto dos estadunidenses busque viabilizar uma aproximação e um ganho de forças mais intenso do país na região, há alguns desafios a serem enfrentados a fim de que seu aparato naval, aliado às suas estratégias geopolíticas para o Ártico, sejam suficientes. Todavia, torna-se fundamental o investimento em expedições científicas que, combinadas às forças bélicas, têm a capacidade de investigar o funcionamento do ecossistema, bem como as potencialidades e obstáculos para o avanço militar. O progressivo aumento das atividades marítimas naturalmente impulsiona uma corrida dos Estados árticos e extrarregionais para o desenvolvimento de um melhor aparato naval a fim de proteger a soberania e os interesses nacionais na região (DEPARTMENT OF THE NAVY, 2021).

Para a Guarda Costeira estadunidense, por sua vez, é inegável a necessidade de investimento massivo em quebra-gelos de forma a tornar o país competitivo no cenário regional. Atualmente, há apenas

uma embarcação de grande porte com capacidade-gelo em operação nos polos, o USCGC *Polar Star*, o que representa uma desvantagem dos EUA em relação aos demais competidores árticos, visto que a Rússia é detentora de mais de 40 embarcações deste tipo, e a China de duas (BURGESS, 2021).

Desta feita, os EUA devem buscar construir uma Força Naval do Ártico capaz de superar a competição cada vez mais acirrada da soberania boreal, de forma a explorar as oportunidades de redução do tempo de traslado extracontinental, levando em consideração a parceria entre Departamento de Defesa, o Estado-Maior Conjunto e os Comandos Combatentes de Área a fim de identificar os cenários, os planejamentos de defesa e os planos de campanha, bem como a melhor forma de emprego das forças estadunidenses no Ártico (DEPARTMENT OF THE NAVY, 2021). Ainda que um posicionamento militar mais forte do país na região se apresente como um fator crítico para a dissuasão

regional, a manutenção do equilíbrio entre um posicionamento assertivo, por meio da estratégia do Departamento de Defesa, deve ser considerada, ao mesmo tempo em que ações que corroborem para o dilema de segurança devem ser evitadas (ZYSK, 2021).

Além disso, no que tange aos campos econômico e social, o país deve, portanto, voltar-se ao desenvolvimento de novas tecnologias comerciais que tornarão possível o aumento do acesso e da competição no extremo norte do Planeta, uma vez que esses avanços são imprescindíveis para a exploração e extração



Figura 4 – O Submarino USS *Hartford*, da Marinha dos EUA, durante o Icelax 2016

Fonte: Business Insider, 2020. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/how-navy-submarines-carefully-smash-surface-through-arctic-ice-2020-6>

de recursos naturais, além da criação de uma infraestrutura de comunicações que irá capacitar as forças a prolongarem sua presença neste ambiente inóspito à permanência humana. Ressalta-se, ainda, a indispensabilidade progressiva que as comunidades originárias do Alasca mantêm com o comércio e o transporte oceânico, refletindo, também, na forma como essas populações afirmam suas relações com este ecossistema (DEPARTMENT OF THE NAVY, 2021).

Portanto, o *Arctic Blueprint 2021*, assim como as estratégias anteriores da Secretaria da Marinha dos EUA, trata da premência de modernização do aparato naval de forma a torná-lo suficientemente forte para enfrentar questões climáticas hostis e águas árticas com períodos de degelo mais prolongados. O documento salienta, ainda, a necessidade de garantir pessoal capacitado e desenvolver conceitos operacionais inovadores e eficazes para a atuação em um Ártico em constante mudança climática. Ao mesmo tempo, a declaração destacou a imprescindibilidade de alianças e parcerias dos EUA com outras nações na região, de forma a assegurar vantagens estratégicas assimétricas com potenciais rivais, o que pode compensar a relativa falta de infraestrutura do país, como portos e demais instalações, o que limita a capacidade competitiva das forças estadunidenses (ZYSK, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, torna-se importante ressaltar que, desde o período da Segunda Guerra

Mundial, seguido pela Guerra Fria, os EUA adotaram uma política para o Ártico voltada para a segurança de seus interesses que inclui, principalmente, a competição com os chineses e os russos. Estas três nações representam atores contemporâneos centrais nas dinâmicas geopolíticas da região e moldam seus projetos nacionais a partir da necessidade de construir um aparato robusto e competitivamente forte a fim de assegurar sua posição hierarquicamente superior no Ártico.

A China lançou em 2018 sua política para a região. A Rússia publicou, ao final de 2020, um documento com suas diretrizes e objetivos a serem atingidos para o período até 2035. E os EUA não estiveram desfal-

cados, lançando seus projetos e metas para um “Ártico Azul” em 2021. O *Arctic Blueprint 2021*, portanto, ressalta a relevância do país em se posicionar de forma progressivamente incisiva em um ambiente regional altamente competitivo. Para isso, as

**Para o Brasil é interessante
envolver-se na governança
da região buscando
inserção no sistema
internacional também como
membro-observador do
Conselho do Ártico**

Forças Armadas estadunidenses devem, conjuntamente, pensar em estratégias para que sua ação e seu posicionamento no Ártico sejam ainda mais eficazes e proporcionem a presença constante do país em um ecossistema hostil. As projeções futuras para o derretimento paulatino da camada de gelo das águas boreais tornam a rivalidade ainda mais acirrada por recursos locais e, consequentemente, pelo desenvolvimento de tecnologia capaz de permitir a circulação pelas rotas marítimas progressivamente livres.

A partir do presente exposto, sugere-se a necessidade do olhar mais atento do

Brasil à competição e às potencialidades locais. As mudanças ambientais trarão progressivas alterações na geopolítica regional e no reposicionamento dos principais atores intra e extrarregionais no Ártico. Assim, para o Brasil, um país antártico e uma das nações sul-americanas de maior representatividade política no

ambiente internacional, torna-se interessante a aproximação e a presença no Ártico, apresentando-se como o primeiro país latino-americano envolvido na governança da região, a partir da possibilidade de ser inserido no sistema internacional também como membro observador do Conselho do Ártico.

 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<ÁREAS>; Ártico; Estados Unidos;

BIBLIOGRAFIA

- 2.6 Mn Tons of Cargo Transits NSR in January. Sea News, 4 fev. 2021. Disponível em: <https://seanews.ru/en/2021/02/04/en-2-6-mn-tons-of-cargo-transits-nsr-in-january/>. Acesso em: 4 fev. 2021
- BURGESS, R. "More Presence Needed in Both Polar Regions, Commandant Said Sea Power", 23 jun. 2021. Disponível em: <https://seapowermagazine.org/more-presence-needed-in-both-polar-regions-commandant-said/>. Acesso em: 5 jul. 2021
- BYE, H.-G. "Russia's Updated Arctic Strategy: New Strategic Planning Document Approved High North News", 28 out. 2020. Disponível em: <https://www.highnorthnews.com/en/russias-updated-arctic-strategy-new-strategic-planning-document-approved>. Acesso em: 18 nov. 2020
- COURONNE, I. "Arctic endured one of its hottest years in 2020: study Phys.Org", 8 dez. 2020. Disponível em: <https://phys.org/news/2020-12-arctic-hottest-years.html#:~:text=The%20air%20temperature%20at%20the,year%20on%20record%20since%201900>. Acesso em: 4 fev. 2021
- DEPARTMENT OF THE NAVY. A Strategic Blueprint for the Arctic, 5 jan. 2021. Department of the Navy Releases Strategic Blueprint for a Blue Arctic. America's Navy, 5 jan. 2021. Disponível em: <https://www.navy.mil/Press-Office/Press-Releases/display-pressreleases/Article/2463000/departement-of-the-navy-releases-strategic-blueprint-for-a-blue-arctic/>. Acesso em: 4 fev. 2021
- HUEBERT, R. "The Reluctant Arctic Power". *SPP Briefing Papers*, v. 2, n. 2, maio 2009.
- LIM, K. S. "China's Arctic Policy the Polar Silk Road Vision". *Arctic Yearbook 2018*, p. 420-432, 23 out. 2018.
- NILSSON, A. "The United States and the making of an Arctic nation". *Polar Record*, v. 54, n. 275, p. 95-107, 23 maio 2018.
- NYE, J.; KEOHANE, R. "Power and Interdependence Revisited". *International Organization*, v. 41, n. 4, 1987.
- RUBIN, M. *The United States Arctic Council*, [s.d.]. Disponível em: <https://arctic-council.org/en/about/states/the-united-states/>. Acesso em: 10 fev. 2021

- STAALESEN, A. *Overfulfilling the Arctic plan* *The Barents Observer*, 12 jan. 2021. Disponível em: <https://thebarentsobserver.com/en/arctic-lng/2021/01/plan-overfulfilled-northern-sea-route>. Acesso em: 4 fev. 2021
- The United States Navy Arctic Roadmap for 2014 to 2030 (February 2014). *The Polar Connection*, 10 maio 2016. Disponível em: <https://polarconnection.org/united-states-navy-arctic-roadmap-2014-2030-february-2014/>. Acesso em: 6 jul. 2021
- ZYSK, K. *Predictable Unpredictability? U.S. Arctic Strategy and ways of doing business in the region* *War on the rocks*, 11 mar. 2021. Disponível em: <https://warontherocks.com/2021/03/predictable-unpredictability-u-s-arctic-strategy-and-ways-of-doing-business-in-the-region/>. Acesso em: 5 jul. 2021